



Bridie Clark

QUE TAL ESTA NOITE?

toda decisão tem consequências

**SÉRIE
PENSE! RÁPIDO
LIVRO 1**

Tradução

Silvia M. C. Rezende

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP 2015



**VERUS
EDITORA**



PRÓLOGO!

Parabéns! Dentre um grupo de candidatos altamente competitivos, você foi selecionada para integrar a turma do primeiro ano da Academia Kings. Por causa disso, vai fazer parte de uma tradição de excelência acadêmica que formou mais líderes mundiais (cinco presidentes, no mínimo), pensadores (ganhadores de prêmios Nobel, Pulitzer, Fulbright... uau!), empreendedores (desde os cem CEOs da *Fortune* a produtores de Hollywood) e pessoas influentes (também conhecidas como podres de ricas) do que qualquer outro colégio interno do mundo. Nossa escola abre as portas para Harvard, Princeton e Yale. Nenhum outro membro da sua família jamais frequentou uma escola tão elitizada, muito menos com uma bolsa de estudos integral. A sua classe de calouros está repleta de Personalidades, Futuras Personalidades e Filhos de Personalidades.

Ah, e você, claro.

Mas, ei, sem pressão.

Em breve você vai perceber que fazer parte da vida social da Academia Kings pode ser muito mais difícil que dar conta da carga horária acadêmica, capaz de enlouquecer até o Stephen Hawking. Todas as suas escolhas terão consequências. Cada decisão será determinante para definir a pessoa em que você vai se transformar. Seu final feliz pode estar logo ali, mas você terá de ouvir seu coração e segui-lo com sabedoria.

Boa sorte. Você vai precisar.



SNAPSHOT! #1

Sábado, 15 de fevereiro, 20h15
Casa Pennyworth

— Você devia usar só saia — declarou Annabel, pegando uma linda minissaia Marc Jacobs vermelha e prata de dentro do guarda-roupa e arrancando discretamente a etiqueta de preço antes de jogá-la na sua cara. Você está esparramada na cama de baixo — a dela — do beliche que vocês dividem, com a cabeça apoiada em um dos travesseiros dela, com fronha de monograma bordado. O travesseiro tem um leve perfume de óleo de rosas, cheiro que é a marca registrada da Annabel. — Suas pernas são incríveis — diz ela. — Eu daria tudo por um par de pernas assim.

É difícil não revirar os olhos, uma vez que as pernas da Annabel são apenas um pouquinho mais curtas, mas você não duvida da sinceridade dela. Annabel Lake sempre vê o lado bom de todas as pessoas, especialmente o seu, e é sua melhor amiga desde que vocês se conheceram em setembro, durante a semana de adaptação dos novos alunos.

Será que só faz seis meses mesmo que você pisou no idílico campus da Kings, em New Hampshire — que é muito mais bonito pessoalmente do que nas fotos dos folhetos? Parece que faz um tempão. Você e Annabel estavam com o nariz grudado no mapa do campus quando trombaram na frente da estátua sisuda de um ex-diretor, cujos ombros exibiam um sutiã de renda cor-de-rosa, pendurado por um aluno.

— Sou tão atrapalhada! — Annabel tratou de se desculpar, como se a culpa pela colisão tivesse sido toda dela. Ela tinha um tipo de beleza que se destacava pela raridade. Pele perfeita, cabelos castanho-escuros, olhos de um azul-esverdeado transparente. Ela vestia uma camisa estilo Oxford desbotada, um short de corrida, um relógio Cartier Tank e um bronzado adquirido em Nantucket. (Logo você descobriria que tudo fica maravilhoso na Annabel. Como quando a *Teen Vogue* sugeriu amarrar uma camiseta tamanho GG com barbante trançado e combinar com uma calça jegging manchada e um chapéu fedora. Na Annabel, o visual ficou moderninho e exótico. Em você, ficou parecendo “falha de segurança na ala psiquiátrica”.)

— Você está bem? — perguntou ela, estendendo o braço para te ajudar.

Você olhou para ela de baixo para cima (viu um metro e meio de pernas) e sentiu ondas de insegurança que nem imaginava que pudessem existir. *Isso é um erro. Com certeza estou no lugar errado. Mããã!*

Mas sua mãe ainda estava presa na fila para entrar no estacionamento da escola, e todos os seus pertences estavam socados no porta-malas da minivan surrada dela. Não que houvesse alguma coisa que ela pudesse fazer, mesmo. A decisão de entrar para a Academia Kings tinha sido sua e somente sua. Agora você não poderia simplesmente correr atrás dos seus pais, vinte minutos depois de ter pisado no campus, só porque se sentiu intimidada.

Depois de respirar fundo, você perguntou para Annabel se ela tinha ideia de onde ficava a Pennyworth, e ela abriu um sorriso caloroso, revelando sua única falha aparente: os dentes da frente ligeiramente encavalados.

Ah, dá um tempo. O sorriso dela é *adoravelmente* tortinho e você sabe disso.

No fim, Annabel estava procurando pelo mesmo alojamento. Mais alguns minutos de procura e vocês acabaram encontrando a majestosa mansão neogeorgiana (hum, como você não viu?), em um canto da ampla área verde conhecida como pátio.

Só então você e Annabel descobriram que foram colocadas no mesmo apartamento, o 304. Colegas de quarto.

Após conseguir superar o complexo de inferioridade que alguém tão... bom, *perfeito* era a palavra certa... como Annabel era capaz de despertar, você percebeu como era sortuda. Annabel é uma daquelas amigas do tipo uma em um milhão. Não é para menos que Henry Dearborn ficou caidinho por ela assim que a viu.

Henry.

Bom... vamos retornar à festa da escola? Afinal esta é a *Sonho de uma Noite de Inverno*, a festa mais importante do ano, e é imprescindível que você esteja deslumbrante, de arrasar, e que não passe muito tempo pensando no Henry, o namorado da sua melhor amiga — uma mania que, na melhor das hipóteses, não leva a nada e, na pior, é autodestrutiva.

— Tem certeza que não se importa de me emprestar isso? — você pergunta para Annabel. Você veste a saia, fecha o zíper e dá um giro diante do espelho para ver de todos os ângulos. Você é obrigada a admitir que ficou muito bom. Muito melhor do que qualquer outra coisa que você tem no seu guarda-roupa.

— Não seja boba. Você *tem* que ir com ela.

É sempre a mesma resposta que você ouve todas as vezes em que Annabel mergulha no próprio guarda-roupa em busca de algo para você vestir. Ah, sim... adicione *supergenerosa* à lista de qualidades dela. Se você foi razoavelmente bem-aceita na Kings, agradeça a Annabel. Você se lembra do esquentado de boas-vindas, o primeiro acontecimento social de verdade do ano, e

tem calafrios só de pensar na roupa que planejava usar: um suéter sem graça de uma loja de departamentos, jeans ligeiramente baggy da Gap e tênis de corrida. Cara, tênis de corrida! Foi Annabel quem diplomaticamente explicou que, apesar de a festa acontecer em um *estacionamento*, você provavelmente ia se sentir mais confortável com o jeans preto da Seven dela e a jaqueta de camurça italiana de caimento perfeito.

Às vezes você mal se reconhece. É loucura pensar que no ano passado você estava morando em Hope Falls com seus pais, se arrastando por dias a fio na escola de ensino médio local — que por sinal era rústica, minúscula e de poucos recursos — e lamentando consigo mesma o fato de que pelo jeito você estava pegando as manhas da álgebra mais rápido que a professora. Desde que se conhece por gente, você sempre esperou mais da vida — ou, pelo menos, da escola —, mais que seus colegas de classe, que aparentemente sempre se contentaram com a ideia de se amarrar em um casamento e continuar enterrados em Hope Falls, do mesmo jeito que seus pais.

Então, um dia, na biblioteca pública (a sua segunda casa), você leu por cima a biografia de um autor novato de romances que lhe agradou. Lá dizia que o escritor tinha se formado na Academia Kings — e, num impulso, você pesquisou a escola no Google. Após algumas buscas, tudo começou a mudar na sua vida. O site, com suas descrições empolgantes das aulas, das atividades extracurriculares e dos eventos no campus, parecia um portal para o paraíso. Quando percebeu, você já tinha baixado a ficha de inscrição e, depois de algumas semanas, a enviou pelo correio. Você até deu um jeito de fazer o teste obrigatório, e mentiu para seus pais, dizendo que queria passar um dia sozinha em Providence. A total confiança deles fez com que você se sentisse mal por sua desonestidade, mas mesmo assim você não de-

sistiu desse sonho inesperado, porém muito forte. Você precisava tentar.

Durante semanas você esperou pela carta. Quando o envelope branco com o emblema da Kings impresso na frente finalmente chegou, você se apoderou da carta como um cão selvagem, arrancando-a de dentro do envelope, percorrendo-a com os olhos fervilhantes, sem conseguir ler direito — até encontrar a palavra “Parabéns”. Parabéns! Estava lá — de longe, aquele foi o melhor momento da sua vida. Mas então, é claro, você entrou em pânico, pois não sabia como contar para os seus pais. Será que eles iam achar que você, de certo modo, estava os rejeitando, ao abandonar a cidade natal que nenhum dos dois jamais teve coragem de deixar? Será que eles iam permitir que você partisse?

Eles quase explodiram de orgulho.

No dia seguinte, seu pai contou alegremente que já tinha acertado todos os detalhes da sua bolsa de estudos com o diretor financeiro da Kings. Um dia depois, sua mãe chegou em casa do trabalho no mercadinho com camisetas da ACADEMIA KINGS para os três, um adesivo para colar no para-choque do carro e uma nova coleção de canecas. Ela perguntou para a gerente se podia tirar a manhã de folga e dirigiu por quase duas horas até a loja do campus. Nem ela nem seu pai derramaram uma lágrima sequer quando deixaram você lá. Orgulho, empolgação, surpresa pela oportunidade que você tinha conseguido conquistar — essas emoções dominaram o sentimento de perda que provavelmente eles devem ter sentido ao deixar a única filha, de catorze anos, em um colégio interno. Eles deram uma força e tanto.

— Agora os sapatos — diz a Annabel, interrompendo seus pensamentos. — Acho que precisamos ser práticas. O que eu quero dizer é que vamos andar no meio do mato hoje à noite. Que tal estes? — E ergueu um par de botas pretas de cano alto, feitas do mais luxuoso couro. — Acho que vão ficar perfeitas!

Não há limites para a generosidade dela. Às vezes, você mesma precisa impor esses limites.

— Obrigada, Annabel, mas vou usar as minhas. Eu me sentiria péssima se detonasse as suas.

É um pouco estranho ter uma personal stylist como companheira de quarto. Ao longo dos últimos meses, vez ou outra você entrou numas de que só Annabel entende que você é uma bolista que veio de uma cidadezinha onde o posto de gasolina é o único local que a moçada tem para se encontrar na sexta-feira à noite. Seus outros amigos parecem ter a impressão de que você é um deles: que também nasceu em um mundo de riqueza e privilégio. Por qualquer motivo — chame isso de orgulho — você deixou por isso mesmo.

De repente a porta se abre. Spider Harris e Libby Monroe, que também são suas companheiras de apartamento, invadem o quarto espaçoso com copos roubados do refeitório e uma garrafa empoeirada de tequila Patrón.

— Um esquentar antes da festa! — anuncia a Spider, montando o bar sobre a escrivaninha de mogno da Annabel.

— Vocês estão lindas! — fala Libby num arroubo, soltando os lindos cabelos louros do rabo de cavalo, que caem em cascata sobre os ombros. O cabelo dela é digno de um comercial de xampu. Ela se aproxima do iPod da Annabel e começa a fuçar até encontrar algo da Rihanna.

— Você pode colocar meu trabalho de história mais para lá, Spider? — protesta Annabel. — Não acho que vai ajudar muito na minha nota se ele estiver cheirando a férias de verão em Cancun.

Libby ri. Ela veste uma roupa estilo colegial, que é a cara dela: suéter de cashmere rosa justinho, que realça o corpo esguio, uma saia de veludo cotelê em camadas e botas de montaria.

— Como se o Worth fosse te dar algo menos que um A — diz ela.

— Engraçadinha — responde Annabel.

Martin Worth: professor de história americana de vinte e nove anos que conta com um séquito de alunos (de ambos os sexos) que pensam que o cara pode caminhar sobre as águas. Sim, Worth é a cara do Taylor Lautner daqui a uma década e, sim, é um professor envolvente e instigante — mas você se tornou imune ao charme dele quando Annabel lhe confidenciou que Worth disse que “não conseguia parar de pensar nela” quando ela perguntou sobre as provas bimestrais. Nojento. Ela deu um fora nele, claro, mas dizem que Worth pega uma aluna nova por ano.

— Ouvi dizer que ele está ficando com a Oona — solta Spider.

Goleira e estrela do time de futebol do colégio, Spider tem orgulho do apelido medonho que lhe deram. Ela é fofa, ousada, engraçada e muito leal — é uma das suas amigas mais queridas. (Por ser uma atleta requisitada, Spider ganhou uma bolsa de estudos que cobre uma boa parcela da mensalidade. Ela só precisa tirar notas altas.) Você foi com a cara dela desde que ela invadiu o apartamento 304 logo atrás de você e da Annabel e largou as mochilas, lotadas de equipamentos esportivos e somente algumas roupas do dia a dia, bem no meio da sala. Spider é totalmente moleca e parece que nem percebe que existem meninos — e alguns muito gatos — na Kings. Você e Annabel já conversaram em segredo sobre seu palpito de que a Spider gosta mais de meninas, mas ainda não está pronta para sair do armário. Quem sabe?

— Quem será que vai estar lá hoje à noite? — Libby pergunta, pegando a primeira dose que Spider prepara e engolindo de uma só vez. Ela torce o nariz sardento e coloca a língua para fora,

como se aquilo fosse um remédio que ela foi forçada a tomar.
— Finalmente uma festa. Não parece que a última aconteceu há uma eternidade?

— Faz só algumas semanas, Lib. — Impossível não rir. Libby definitivamente é a mais sociável do grupo, uma característica que ela herdou dos pais, que dividem o tempo entre o circuito social de Manhattan e Palm Beach. Foi ela quem ficou sabendo primeiro sobre a festa desta noite. Veio direto do laboratório de biologia para casa, com um mapa da floresta à beira do lago, desenhado à mão com uma caneta roxa, mostrando exatamente como chegar ao local onde os alunos do último ano montariam a fogueira. — Claro, para você isso deve ser uma eternidade mesmo.

— O Henry vai, né, Annie? — pergunta Libby.

É estranho, mas você fica louca da vida quando ela chama Annabel assim. *Annie*. Talvez isso lembre a você que Annabel e Libby se conhecem há um tempão, ou que no mínimo as famílias das duas já se conheciam. Você teve sorte de entrar na Kings, sorte dupla por ter conseguido aquela bolsa de estudos, enquanto Annabel e Libby vêm de uma longa linhagem na escola e já era esperado que fossem aceitas. Assim como é esperado que vão se formar, não importa quantas regras tenham burlado ou quebrado. Você dá uma olhada para a tequila. O diretor Fredericks tem um critério distinto para os alunos cujas famílias podem doar prédios ou campos de beisebol. Provavelmente também tem um critério distinto para goleiras que podem derrotar o time da Exeter pelos próximos quatro anos. Mas, se *você* for pega, está fora. Sem rodeios. Nas palavras imortais da Beyoncé, nunca pense que você é insubstituível.

— O Henry vai — Annabel responde para Libby.

Você tenta ignorar o fato de que seu coração disparou quando ela disse isso. Henry Dearborn pertence a uma esfera dife-

rente de qualquer outro cara que você já conheceu. O primeiro da lista para ocupar o cargo de editor-chefe do *The Griffin*, ele recentemente foi escalado para editar os artigos que você escreve para o premiado jornal da escola. Entre a sala de imprensa e o seu alojamento, se tornou impossível evitar aqueles olhos cinza penetrantes, aquele sorriso sexy, aqueles cachos indomáveis... E, mesmo quando ele não está lá, é uma luta mantê-lo longe dos seus pensamentos. Outro dia, você o viu andando pelo pátio, livro enfiado embaixo do braço, um ar de superioridade na dose certa — e foi como se alguém estivesse assobiando uma música romântica melosa e o mundo se movesse em câmera lenta.

Sim. Isso é péssimo. Você entrou no território da paixão com o único cara que definitivamente *não* deveria olhar desse jeito.

— E a Oona? Vocês acham que ela vai? — pergunta Spider. Está na cara que ela está rezando para que a resposta seja não. Até onde você sabe, Oona de Campos é uma manipuladora calculista que adora praticar bullying, mas Spider a odeia mais que todos. Você perguntou para ela o que aconteceu, mas sua amiga não abriu o bico sobre os detalhes. Com certeza tem uma história por trás disso.

— Ela vai — diz Libby, ocupada com o fecho da bolsinha clutch. Todas vocês tentam ignorar o fato de que Libby vai na onda da Oona. Essa é a Libby. Oona é a abelha-rainha da vez na Kings, e Libby gosta de seguir quem está por cima. Oona frequenta clubes noturnos em Boston nos fins de semana e pega carona de volta para o campus com caras mais velhos em Porsches. No fim de semana dos pais, dizem que o pai dela trouxe ecstasy para a filha. A mãe circula pela Europa e casou novamente — com o irmão mais novo do pai da Oona. E isso é só o começo. Quase não dá para culpar a garota por ser tão horrenda.

De repente, Libby dá um tapa na própria testa.

— Quase esqueci! A maldição da Sonho de uma Noite de Inverno! — Ela sai correndo do quarto.

— O *quê?* — você pergunta. Spider e Annabel nem dão bola para o rompante da Libby. Pelo jeito, você é a única que não faz a menor ideia do que se trata.

— É uma antiga lenda do campus — explica Annabel.

— As calouras que vão à Sonho de uma Noite de Inverno precisam fazer um sacrifício — diz Spider, tomando outra dose de Patrón e fazendo uma careta. — Uma veterana que está no time me disse por quê, mas eu não lembro.

— O sacrifício é para dar sorte no amor — diz Annabel. — Provavelmente não passa de bobagem, mas sei lá.

— Não é bobagem — diz Libby, entrando no quarto com os olhos azuis da cor do céu arregalados, como ficam quando ela está muito séria. (Os últimos tópicos que valeram olhos arregalados foram: o poder de atração de Billy Grover; as maravilhas do Gilt.com; o espanto por você ter se submetido a um corte de cabelo por quinze dólares em um salãozinho da cidade.) Ela está segurando quatro retalhos de seda cor de marfim e uma tesoura pontuda.

— Por que os *meninos* não precisam derramar sangue em nome do amor? — Spider resmunga.

— Boa pergunta — você diz em seguida.

— Pode parar. Vocês acham que vai ter algum cara do primeiro ano por lá? Eles estão na base da cadeia alimentar, com certeza não são convidados para a Sonho de uma Noite de Inverno.

Sem aviso, Libby espeta a palma da mão com a tesoura. Na hora você tampa os olhos com as duas mãos. Você seria a pior vampira do mundo. No passado, o simples sinal de sangue já fez você vomitar, desmaiar ou os dois (como em uma ocasião

específica, envolvendo você, seu primo William e uma péssima posição em um daqueles tapetes de escorregar com água).

— Certo, Annie, agora é a sua vez — você ouviu Libby dizer. Em seguida é a vez da Spider. Você se senta na beirada da cama, ainda tampando os olhos com as mãos. *São apenas algumas gotas de sangue*, você pensa. Não tem nada que você curtiria mais do que arrumar um namorado legal. Mas será que a maldição do amor da Libby é mesmo verdadeira...? Será que vale o derramamento de sangue?

Você está a fim de...



- abrir a mão, fechar os olhos e rezar para não desmaiar. A última coisa que você precisa é de uma maldição do amor em suas mãos. Siga para o snapshot #2 (página 22).
- OU**
- apesar dos protestos da Libby, dizer que prefere não participar. Chegar machucada a uma festa não é uma boa maneira de começar. A maldição não deve ser de verdade mesmo. Siga para o snapshot #3 (página 26).